

# Ferreira Gullar – O trabalho das nuvens

Esta varanda fica  
à margem  
da tarde. Onde nuvens trabalham.

A cadeira não é tão seca  
e lúcida, como  
o coração.

Só à margem da tarde  
é que se conhece  
a tarde: que são as  
folhas de verde e vento, e  
o cacarejar da galinha e as  
casas sob um céu: isso, diante  
de olhos.

e os frutos?  
e também os  
frutos. Cujo crescer altera  
a verdade e a cor  
dos céus. Sim, os frutos  
que não comeremos, também  
fazem a tarde  
(a vossa  
tarde, de que estou à margem).

Há, porém, a tarde  
do fruto. Essa  
não roubaremos:  
tarde  
em que ele se propõe a glória de  
não mais ser fruto, sendo-o  
mais: de esplendor, não como astro, mas

como fruto que esplende.

E a tarde futura onde ele  
arderá como um facho  
efêmero!

Em verdade, é desconcertante para  
os homens o  
trabalho das nuvens.

Elas não trabalham  
acima das cidades: quando  
há nuvens não há  
cidades: as nuvens ignoram  
se deslizam por sobre  
nossa cabeça: nós é que sabemos que  
deslizamos sob elas: as  
nuvens cintilam, mas não é para  
o coração dos homens

A tarde é  
as folhas esperarem amarelecer  
e nós o observarmos.

E o mais é o pássaro branco que  
voa – e que só porque voa e o vemos,  
voa para vermos. O pássaro que é  
branco  
não porque ele o queira nem  
porque o necessitemos: o  
pássaro que é branco  
porque é branco.

Que te resta, pois, senão  
aceitar?  
Por ti e pelo  
pássaro pássaro.

**Ferreira Gullar, A luta corporal**